

# NAS SOMBRAS

NAS SOMBRAS

CLARA FRANCO



# Sumário

Capítulo 1.....;	Pág.3
Capítulo 2.....	Pág.4
Capítulo 3.....	Pág.7
Capítulo 4.....	Pág.9
Capítulo 5 .....	Pág.12
Capítulo 6 .....	Pág.14
Capítulo 7.....	Pág.17

## Capítulo 1

Era uma noite fria de inverno. O céu nublado bloqueava a luz da Lua. Apenas algumas pequenas estrelas poderiam ser vistas no céu. O silêncio monótono daquela noite era interrompido somente pelos ventos cortantes que arrastavam algumas raras folhas secas pela calçada de cimento em uma rua completamente deserta. A rua em questão transmitia uma incomum sensação de perigo, fazendo com que nenhuma alma viva se atrevesse a andar por aqueles becos escuros na calada da noite. A luz fraca de alguns postes piscava sem parar, como se estivessem prestes a se esvaír. As paredes pichadas somadas ao intenso cheiro de cigarro que envolvia aquela área criavam um ambiente desagradável com uma aparência degradada que espantava os pedestres.

Ao longe, os passos apressados de uma mulher poderiam ser ouvidos ressoando enquanto se aproxima. O barulho daqueles saltos altos pisando apressadamente no chão, aumentava a cada segundo conforme ela se aproximava. Sua sombra apareceu rapidamente na esquina, antecipando sua chegada. Era uma moça alta e bonita, seus loiros cabelos amarrados firmemente em um coque elegante. Ela usava uma saia lápis preta sobreposta por um terninho de alta qualidade. Seus sapatos vermelhos tinham como apoio apenas um salto muito fino e alto, que fornecia muito pouco equilíbrio. Carregando sua bolsa de marca embaixo do braço, ela a agarrava fortemente, quase como se estivesse com medo que a bolsa tomasse vida e fugisse. Seu rosto tinha a aparência fria e distante de alguém muito disciplinado.

O barulho de um par diferente de passos vinha da esquina. Passos pesados e apressados que logo se aproximaram. O barulho ficava cada vez mais perto e o rosto daquela elegante mulher se tornava cada vez mais pálido. Sua respiração se tornou mais pesada e seu coração batendo mais rápido do que o normal. Ela aumentava o passo, mas o ritmo que vinha de trás dela a acompanhava. Inconscientemente, agarrou a bolsa mais forte, quase como se estivesse protegendo a própria vida. Os nós de seus dedos estavam brancos devido tamanha força exercida. Relutante, ela olhou rapidamente para trás antes de ver a sombra de um homem corpulento surgindo na esquina. Uma camada extra de branco foi adicionada a seu rosto já extremamente pálido. A rua, que nem era tão comprida assim, naquele momento parecia interminável.

Os sons dos passos que a seguiam se tornavam cada vez mais próximos, e as luzes dos postes se tornavam cada vez mais instáveis, piscando e piscando sem parar. Uma gota de suor frio escorreu por sua testa quando ela teve um vislumbre rápido pelo canto do olho: a sombra do homem que a seguia. Ele estava muito perto. As luzes piscavam descontroladamente e, em apenas um instante, tudo se tornou um completo breu.

## Capítulo 2

Era um dia especial na carreira da advogada Rebecca Thompson. Hoje conheceria seu último cliente antes de se aposentar com um histórico impecável. Estava extremamente nervosa, mas seu rosto não demonstrava. Implacável, como sempre. Ela entrou em uma sala e se sentou, colocando a bolsa sobre a mesa e retirou um caderninho de anotações. Poucos minutos depois, um homem entrou no local e sentou-se à sua frente. Era um homem alto, tão magro que parecia esquelético. Uma pele pálida, tatuado da cabeça aos pés, cabelos negros e lisos, desgrenhados. Ele possuía olhos claros, suas pupilas minúsculas faziam seus olhos parecerem olhos de cobra. Um sorriso frio e malicioso podia ser visto em seus finos lábios.

O homem se acomodou confortavelmente em sua cadeira, colocando os pés na mesa de maneira despojada. A mulher à sua frente sentiu-se extremamente irritada com o comportamento descortês do homem, mas rapidamente se recompôs.

- Você que é a advogada?

O homem disse em tom de desdém.

A mulher não se incomodou com a provocação e simplesmente abriu seu caderno e começou a fazer anotações.

Alguns minutos se passaram num silêncio tenso antes dela finalmente se dirigir ao homem:

- Você é o Mason? Eu sou Rebecca Thompson, a partir de hoje, sou sua advogada. Precisarei de sua colaboração, a não ser, é claro, que você prefira passar o resto dos seus dias na cadeia. – Ela falou em tom cheio de superioridade.

Ao ouvir isso, Mason soltou uma gargalhada, seus olhos cheios de divertimento e malícia, como se dissessem: “Você não sabe com quem está lidando”.

Rebecca, que era muito profissional, novamente apenas ignorou-o e seguiu a falar:

- Eu revisei seu caso, me parece que há uma boa chance de que você saia livre, no máximo, com uma pena pequena que pode ser trocada por serviço comunitário. Eles têm apenas provas circunstanciais de seu envolvimento. Não há registros da sua presença naquela manhã. As câmeras também não possuem filmagens daquele dia.

- Eu trabalho assim faz anos, se não soubesse cobrir meus rastros, já teria sido descoberto há muito tempo. – Respondeu Mason distraído. Não dava quaisquer sinais de que estava interessado na conversa.

- E esse trabalho seria o que exatamente? – Perguntou, já pegando sua caneta para anotar a resposta do homem

- Interessada? Posso te conseguir algo. Trabalho só com cocaína. – Ele disse num tom estranhamente sério, como se estivesse realmente tentando vender seu produto, mas por mais que sua voz fosse séria, ainda contrastava com um sorriso zombeteiro que estampava seu rosto.

Com um olhar de desaprovação e aperto dos punhos, a advogada continuou suas perguntas, tentando não dar ao homem a reação que ele desejava.

- Você mencionou “cobrir seus rastros”, como seria isso exatamente?

- Eu tenho alguém que trabalha na segurança do local, ele some com as fitas das câmeras para mim. – Quanto mais falava, mais desinteressado parecia, agora ele dedicava toda sua atenção a mecha de cabelo com a qual brincava com as mãos.

Rebecca, que já começava a se irritar, sem deixar transparecer, continuou:

- É alguém confiável?

- O Kevin? Confiável o bastante.

- Seu caso é instável, eu consigo trabalhar bem com o que temos, o maior problema é a grande quantidade de possíveis testemunhas. Se eles trouxerem testemunhas o suficiente, podem convencer o juiz de sua presença no local e hora do crime. Mas o caso deles é totalmente sustentado por testemunhas, sem nenhuma prova concreta, então há uma boa probabilidade de você ser inocentado.

- Não se preocupe com isso, não haverá testemunhas. – Falava com uma arrogância evidente em sua voz, aquilo incomodava a mulher pois, ele falava como se tivesse todos na palma da mão.

- Como pode ter tanta certeza?

Ele revirou os olhos, como se não entendesse o sentido daquela pergunta, para ele era óbvio.

- Aqueles pirralhos sabem muito bem o que aconteceria com eles caso testemunhassem contra mim num tribunal. – Enquanto falava, retirou os pés da mesa e apoiou os cotovelos, aproximando seu rosto da mulher a sua frente. Seus olhos penetrantes a encaravam firmemente, quando ele continuou:

- A propósito, para o seu próprio bem, é melhor que você consiga me libertar. Senão, Kyle ficaria desapontado.

Com a menção deste nome, o rosto de Rebecca empalideceu. Esse nome era o de seu filho. Muitos pensamentos corriam por sua cabeça naquele momento, junto com preocupação e medo. “Como ele saberia o nome do meu filho?”, essa pergunta girava em sua mente, mas no fundo ela sabia que nunca descobriria a resposta.

O medo tomava conta de seu ser, mas manteve a compostura, mesmo em um momento como esse, finalmente percebendo o quão perigoso era o homem sentado à sua frente.

## Capítulo 3

Em apenas um instante, tudo se tornou um completo breu.

O céu nublado impedia a luz da Lua de chegar até eles. Com a visibilidade escassa, a elegante mulher mal teve tempo de reagir. Seu primeiro impulso foi correr o mais rápido que pôde. Ela lançou seu corpo pra frente, mas não conseguiu dar nem ao menos um passo, antes de sentir uma mão agarrar com força seu pulso e puxá-la de volta. Se debatia com tudo que podia, mas nada que fizesse, a soltaria das mãos daquele homem. O medo tomava conta completamente de seu corpo e a impedia de continuar a se mover. Ela já havia desistido de sua vida, sua força se esvaía completamente.

Nesse momento, as luzes se acenderam novamente. Suas pupilas já haviam se acostumado com o escuro, causando-lhe uma cegueira momentânea. A mulher sentiu um pico de força voltar ao seu ser. Se aproveitou da distração e pisou com todas as suas forças no pé do homem à sua frente. Aquele salto fino fincava na carne do rapaz que não pôde evitar soltar um grito de dor.

Ela estava livre.

Com impulso, ela se jogou novamente para frente e correu com tudo que podia. Suas pernas cada vez mais pesadas, sua vista embaçada, sua respiração descontrolada. O cheiro do cigarro impregnava seus pulmões, fazendo-a ficar ainda mais tonta. A única coisa que a mantinha de pé naquele momento era a vontade de viver.

Mas não adiantava. Com essas pernas curtas e sapatos desconfortáveis, não conseguiria correr por muito tempo, ao contrário do homem corpulento e bem treinado que a tentava alcançar. A cada passo que dava, podia senti-lo chegar mais perto. A vantagem inicial que ganhara já sumira completamente.

Sete passos. Foi tudo que conseguiu dar antes que sua bolsa fosse puxada fortemente. Estava agarrada àquela bolsa desde o começo, pressionando-a com força debaixo de seu braço. A mulher não o deixaria simplesmente levá-la. Ela a puxou de volta com tudo que tinha antes de levar um soco perto do estômago. Ela cambaleou alguns passos para trás e perdeu o equilíbrio. Aqueles malditos sapatos. É um milagre que tenham aguentado tanto. Já meio zozna quando os saltos quebraram, não tinha como se apoiar. Todo seu corpo cedeu, e com um baque ela caiu de costas no chão. Sua mente girava, havia um zumbido estranho em seus ouvidos. Sua visão se escureceu, como se as luzes tivessem apagado novamente. A moça sentiu um grande impacto em sua cabeça, o sangue quente lhe subiu pela garganta antes que soltasse seu último suspiro.

O homem, ainda em choque pelo ocorrido, se abaixou para ver o que havia acontecido. Uma pedra. Ela havia batido a cabeça em uma pedra. Tremendo, ele esticou o braço na direção do corpo ainda quente daquela mulher.

Seus dedos se posicionaram em seu pescoço para sentir a pulsação. Nada. Ela estava morta.

Assustado, ele retraiu o braço rapidamente e se afastou. Seus olhos procurando freneticamente por um objeto perdido durante a briga. A bolsa encontrava-se caída a alguns centímetros para frente, depois de onde agora encontrava-se o corpo daquela que um dia fora uma elegante mulher. Ele não pôde evitar olhar de relance para aquele cadáver estatelado no chão. Aqueles olhos mortos, mas ainda abertos o encaravam no escuro. O homem fechou os olhos e balançou a cabeça, como se quisesse espantar um pensamento. Pegou a bolsa do chão e começou a revirá-la. Sua face rapidamente se suavizou. Encontrou o que procurava. Colocando o objeto novamente dentro da bolsa, ele colocou-a debaixo do braço, rapidamente fugiu da cena do crime, deixando lá o pálido cadáver de uma mulher.

## Capítulo 4

Já eram quase cinco da tarde quando o policial começou a ficar preocupado. Seu filho deveria ter chegado da escola há mais de três horas. O almoço posto à mesa já estava completamente gelado.

Nervoso, ele andava de um lado para o outro em sua sala de estar. Numa das mãos, segurava um celular que utilizava para tentar desesperadamente se comunicar com o filho, enquanto a outra mão estava tendo suas unhas roídas, em uma tentativa vã de diminuir sua ansiedade.

Não importava quantas vezes ligasse, o menino não atendia. A paciência não era uma de suas virtudes, portanto, não demorou muito para que o policial saísse e fosse atrás do filho. O garoto estava desaparecido por apenas algumas horas, mas ele conhecia o filho, o menino nunca faria uma coisa como esta, algo devia ter acontecido a ele.

Com passos apressados, o homem caminhou o mais rápido que pôde e mal percebeu quando virou a última esquina, se deparou com a fachada da escola onde seu filho estudava. Olhava em volta na esperança de encontrá-lo, mas rapidamente percebeu que não o encontraria ali.

Entrando na escola, o policial começou a perguntar a todos que passavam se haviam visto o menino. Passados alguns minutos, reuniu algumas informações suspeitas. Seu filho foi avistado entrando na escola pela manhã, mas não apareceu mais desde o intervalo, às dez horas. Aquilo o deixava ainda mais preocupado. Ele tentava se manter calmo, mas este estado não duraria muito tempo, logo perderia o controle.

Sua mente estava uma bagunça, parte dele queria acreditar que não era nada. Seu filho provavelmente apenas saíra com alguns amigos e esquecera de avisar. Enquanto a outra parte listava freneticamente todas as mais remotas possibilidades do que poderia ter acontecido ao menino. Se ele já estava em pânico antes, agora havia perdido completamente qualquer resto de senso que ainda retinha. Tudo o que conseguia focar naquele momento era a segurança de seu filho. Como último recurso, o rapaz decidiu ir até a delegacia onde trabalhava e pedir ajuda de seus colegas na busca pela criança. Num momento de loucura, nem mesmo se lembrou que poderia apenas fazer uma ligação.

Ele corria, mas mal lembrava de respirar, sua atenção era completamente voltada ao caminho e todos os rostos que passavam por ele, em uma busca silenciosa e infrutífera pelo perdido.

O lugar não ficava distante, em poucos minutos, ele já avistava a porta. Com largos passos, adentrou a delegacia, ofegante, tendo finalmente se lembrado de tomar fôlego.

O sol começava a se pôr do lado de fora do prédio, que, naquele momento, encontrava-se estranhamente vazio. Apenas alguns poucos policiais permaneciam na delegacia naquele horário. Era o fim do turno, todos estavam cansados, trabalhando calmamente durante os últimos minutos, contando o tempo até o horário em que poderiam ir embora. A felicidade daqueles poucos homens foi arruinada quando viram um de seus colegas, em seu dia de folga, entrando apressadamente dentro da delegacia, aparentando estar em pânico. Uma visão peculiar, mas extremamente preocupante. Uma visão que arruinou as chances daquelas pessoas de voltarem para o lar que tanto ansiavam.

Os policiais, preocupados, rapidamente se aglomeraram em volta do colega, tentando entender a situação, coisa que aparentava ser mais difícil do que imaginaram devido ao estado do homem, que ainda ofegante, tentava explicar. Sua fala estava bagunçada, seu discurso confuso, desconexo e, em sua ansiedade, ele falava tão rápido que algumas palavras não podiam nem ao menos ser compreendidas.

Uma quantidade razoável de minutos foi gasta apenas na tentativa de fazer o colega se acalmar e explicar a situação apropriadamente. Ao entender o que havia acontecido, todo o espanto e surpresa originalmente estampados, em seus rostos, foi substituído por genuína preocupação. Todos na delegacia eram muito próximos, e a maioria deles conhecia o menino desde que nasceu. Eles conseguiram rapidamente mobilizar toda a delegacia a ir em busca da criança, não podiam deixar a delegacia vazia, mas todos que poderiam ajudar, o estavam fazendo. Os policiais precisavam agir rápido, quanto mais tempo se passasse, mais difícil seria encontrar a localização da criança.

Eles se separaram em grupos, com o intuito de cobrir a maior área possível, desde os arredores da escola e por todo o trajeto até a casa. O pai do menino, que agora havia se acalmado, não pôde ser convencido a ficar na delegacia, insistindo que ajudaria na busca pelo filho. Por mais que ele participasse da busca, os outros colegas não permitiram que ele procurasse nas áreas em que era mais provável que encontrassem pistas, pois sua capacidade de julgamento estava extremamente afetada devido a situação. Ele acabou sendo despachado para as áreas mais próximas a casa, enquanto os outros, em sua maioria, estavam nos arredores da escola.

Esse tipo de busca pode ser muito demorada, ninguém estava surpreso quando o menino não havia sido encontrado, mesmo depois de algumas horas. A equipe de busca completamente desanimada quando o Sol começou a nascer, com exceção do pai, que a muito havia passado do desânimo, a este ponto, dizer que ele estava em pânico era pouco. Muitas coisas passavam por sua cabeça, mas todos aqueles pensamentos foram afastados de uma só vez, quando ele ouviu o toque do próprio celular no bolso da jaqueta. Deveriam ser notícias de seus colegas. Ele prontamente atendeu:

- Vocês o encontraram? – Ele perguntou imediatamente, o tremor na sua voz completamente perceptível.

- Sim...

Uma pessoa, em seu estado normal, teria entendido imediatamente que havia algo errado apenas pelo tom de voz do homem, mas aquele policial não estava em um bom estado mental e toda a informação que ele reteve foi que seu filho havia sido encontrado.

O colega tentou continuar a falar, mas antes que pudesse ele foi interrompido por um pai preocupado que não estava nem um pouco ciente da própria ignorância.

- Onde ele está?? Ele está bem?? – A cada palavra ele subia o tom de voz, ao final da frase ele estava praticamente gritando.

- Eu... É melhor você vir aqui, te encontraremos no estacionamento da escola. – Ele respondeu, relutante, antes de desligar o telefone, sem dar a chance ao outro de fazer mais perguntas.

Ao ouvir essas palavras, uma mistura de sentimentos tomou o homem, estava aliviado por seu filho ter sido encontrado, mas também estava preocupado e com medo. Estaria seu filho machucado?

Inúmeras situações ruins se passaram por sua cabeça, mas nada se comparava ao que encontrou ao chegar e se deparar com o corpo morto de uma criança que não devia ter nem 12 anos, um corpo que estava tão desconfigurado pelos inúmeros hematomas que a primeira vista não era nem mesmo reconhecível, o corpo de seu filho.

## Capítulo 5

Tudo parecia estar correndo a favor deles.

Rebecca estava bastante confiante de que poderia vencer sem maiores dificuldades, mas toda essa confiança foi abalada quando ela descobriu que mais de três pessoas haviam concordado em testemunhar contra seu cliente. Aquilo, além de ser problemático por si só, a faria ter que confrontar Mason, pois precisaria ver as gravações das câmeras de segurança que estão na posse dele, para que ela pudesse entender completamente a situação.

Desde o primeiro dia, a advogada que sempre se sentiu tão superior com relação a seus clientes, que nunca teve dificuldade para ler qualquer pessoa, que nunca se sentiu ameaçada por nada nem ninguém, desde o primeiro dia que encontrou o suspeito, teve pavor. Poderiam a ameaçar o quanto quisessem, ela nem piscaria, com a mera menção de seu filho, ele a tinha na palma da mão, assim como tinha todos os outros. Eles já estavam trabalhando juntos há um tempo, conhecendo a sagacidade de seu cliente, ele não simplesmente entregaria as fitas que podem incriminá-lo, ele não era estúpido. Nem com todos os truques que possuía, ela poderia convencê-lo, mas talvez ela possa convencê-lo a deixá-la assistir a gravação. Não era o ideal, pois não poderia rever várias vezes e passar parte por parte, mas era melhor do que nada.

E assim aconteceu.

Ao encontrar seu cliente, primeiro, Rebecca explicou a situação e continuamente enfatizou o quanto as testemunhas eram um problema e que a probabilidade de ele perder o processo era muito alta, para deixá-lo com medo. Obviamente ela não teve sucesso em amedrontá-lo, mas se certificou de que o homem entendesse a seriedade da situação. Depois, repetiu inúmeras vezes o quanto estava de mãos atadas e que não possuía informações o suficiente para defendê-lo das acusações adequadamente. Sua intenção era fazê-lo mostrar as fitas por livre e espontânea vontade, como se a ideia tivesse sido dele para começar.

Aqueles truques não funcionam em alguém como Mason, ele imediatamente percebeu o que estava acontecendo, mas, ele era o que estava de mãos atadas. A contragosto, ele teve que ceder, dizendo:

- Dessa vez, farei o que você quer, mas para garantir que você não aprontará nenhuma gracinha, você apenas pode assistir enquanto eu te vigio. - O tom de sua voz era mais frio do que o normal, quase macabro. Suas minúsculas pupilas em seus olhos de cobra encaravam a advogada em um aviso.

Mason era realmente um homem poderoso, apenas assobiou, antes de um homem musculoso entrar na sala e se aproximar dele, colocando a orelha próxima ao outro. Mason sussurrou algo em seu ouvido, o musculoso acenou com a cabeça uma vez antes de sair. Rebecca reconheceu o homem como um dos guardas da cela temporária onde o traficante se alojava agora. Ele realmente tinha todos na palma da mão.

Tempos depois, o homem voltou com um laptop na mão, entregou a Mason e deixou a sala. Ele provavelmente fez uma cópia da gravação e a copiou temporariamente para o laptop, que depois seria destruído.

Mason abriu o laptop, colocando-o no centro da mesa, abriu um arquivo e virou o vídeo para a advogada que nem sequer se mexeu durante todo o tempo.

O vídeo, gravado por uma câmera de segurança, tinha uma péssima qualidade de imagem, era em preto e branco e não havia som. Apesar de tudo isso, a figura presente naquela imagem era bastante reconhecível. Mason estava na lateral de um estacionamento cercado por dois capangas e um homem mais jovem à sua frente. O vídeo se passava cerca de dez horas da manhã, neste cenário, Mason estava fazendo negócios com o mais jovem. Ele entregou o produto e recebeu o dinheiro quando todos subitamente se viraram para a direita.

- Um barulho – Explicou Mason que havia se movido silenciosamente e agora também assistia o vídeo, por cima do ombro da mulher a sua frente.

O vídeo continuou e Mason fez um gesto para os capangas. Um deles começou a andar na direção em que todos estavam olhando, saindo do alcance da câmera. Alguns segundos depois, o mesmo capanga voltou a aparecer, dessa vez, segurando uma criança pela gola da camiseta. Houve alguma conversa antes de Mason fazer outro gesto com as mãos, dessa vez o capanga que ainda permanecia ao seu lado puxou uma faca. Ele se aproximou e com um movimento rápido esfaqueou o estômago da criança. Ele retirou a faca e calmamente retornou para o lado de Mason, que, por sua vez, se virou e andou na direção oposta, como se nada tivesse acontecido, saindo do alcance da câmera. A próxima cena era difícil de assistir, até alguém tão sem coração quanto Rebecca teve que desviar o olhar ao ver aquela pobre criança ser espancada até a morte.

## Capítulo 6

Isso não é suficiente. Nem perto do suficiente. Ele pode sair impune, e mesmo que não, seriam apenas alguns anos de prisão. Isso não é suficiente. Não pelo que ele fez ao meu filho. Esse desgraçado merece apodrecer nas profundezas do inferno. Não o deixarei sair dessa impune. Eu não me importo mais. Ele era meu filho, não tem nada mais justo do que eu ser quem vai fazê-lo pagar. Essa é minha investigação. Não me deixaram participar e veja o que aconteceu. Tantas provas e não conseguimos nem ao menos colocá-lo na cadeia.

Isso não é justo. Nada disso é justo. Eles realmente esperam que eu fique parado durante todo esse processo? Eu não preciso deles. Posso conseguir tudo sozinho.

Meu filho. Ah, meu pobre filho! Como isso pode lhe acontecer? Não se preocupe minha criança, vou fazê-lo pagar. Ele vai pagar. Não importa como. Será que ainda tem bebida na geladeira?

Como eu cheguei aqui? O que está acontecendo? Onde eu estou? Eu não me lembro de nada. Essa rua me é familiar. Melhor voltar para casa.

Eles não me deixaram ajudar. Farei isso por conta própria então. A vida dele. Sua família. Sua história. Sua vida. Eu irei descobrir tudo. Não deixarei nada nem ninguém escapar.

Uh? Eu estou em casa? Eu estava trabalhando da última vez que me lembro. Essa é realmente minha casa, mas por que está assim? O que aconteceu aqui? Por que está tudo bagunçado, quebrado? Fui eu quem fez isso? O que eu estou fazendo aqui? Ah, não importa agora. Eu não me importo mais. Meu menino. Preciso vingar meu menino.

Por que isso tinha que acontecer com ele? Ele era apenas uma criança. Uma criança inocente que nunca machucou ninguém. O quanto isso é injusto? Aquele cara era quem merecia isso. Não importa mais. Ele já está morto. Ele já está morto. Não posso mais salvá-lo. Não há nada. Nada. O que é esse vazio no meu peito? O que é essa coisa fria escorrendo no meu rosto? Não importa. Nada disso importa. Nada. Não mais. Me vingarei daquele homem.

De novo não. Onde eu estou? Espera... Essa não era a escola dele? Por que estou aqui? Não importa. Não nesse mundo, agora preto e branco. Essa é uma boa oportunidade para investigar. Mas o que é esse peso no meu bolso? Minha arma? Por que estou com minha arma? Não importa. Nada importa. Aquela luz vermelha piscando... Essas câmeras de segurança funcionam. Elas estão até ligadas. Então por que o relatório da polícia dizia que as câmeras nunca funcionaram. Por quê? O que está acontecendo? Poderia ser que tudo fosse encoberto por alguém? É minha chance de descobrir.

Deve ter alguém que monitora as câmeras. É melhor perguntar para alguém... Segunda sala à direita. Ótimo. A porta já está aberta. Que sorte.

Quem é esse cara? Nunca o vi antes. É melhor esperar. Ele está no telefone.

- Sim, eu as movi chefe. Ela veio pegar para o senhor. Uh? Como assim? Me desculpe, chefe Mason! Se eu soubesse nunca as teria entregado! Eu juro! Foi um acidente! Fui enganado!

Mason? MASON?! Esse cara também é parte daquele grupo?! Ele não vai sair impune! ELE NÃO VAI SAIR IMPUNE!!

- Uh? O senhor precisa de algo? – disse o homem, desligando o telefone e se dirigindo ao policial.

O policial não parecia ter ouvido. Ele continuou andando na direção daquele homem, com uma expressão assustadora estampada no rosto. Chegou bem perto e, antes que percebesse, já havia posicionado sua arma encostada na cabeça do homem, cujo medo podia ser visto nos olhos. Ele estava paralisado. Engolindo em seco, falou gaguejando:

- Por-por favor, me poupe, bom senhor. Poupe minha vida. O que você quer? Eu-eu farei qualquer coisa, só poupe minha vida.

O policial não vacilou nem um segundo, não desperdiçou nem um segundo. A raiva que transbordava de seu ser era quase tangível. Ele apenas falou:

- O assassinato da criança, as câmeras, fale.

O homem ficou chocado com aquelas perguntas, mas, mesmo assim, tremendo, ele confessou tudo. O policial ficou em silêncio por todo o tempo, mas a cada palavra, sua raiva aumentava. Até que ele finalmente explodiu:

- Por que?! POR QUE?! ME RESPONDA! PORQUE?!

- Aquele garoto estava constantemente se gabando do grande policial que era seu pai. Quando nós o pegamos espionando, ele continuou falando como seu pai iria prender a todos nós, como nos faria pagar por tudo aquilo. Nosso chefe não gostou nem um pouco de sua arrogância.

As pernas do policial subitamente perderam forças. Então tudo aquilo era sua culpa? Ele foi forçado a se apoiar em uma parede para se manter de pé. Aquilo realmente era um baque muito forte. Os olhos do policial estavam completamente desfocados, como se não estivesse presente, quando finalmente disse:

- As gravações. Onde as escondeu?

(...)

Eu preciso encontrá-las. Não o deixarei fugir. Ele não sairá impune. Com essas fitas, ele não escapará da prisão. Faltam apenas mais um quarteirão. Logo chegarei lá. Será que é aqui? Mas... Uma mulher? O que

Ele parou ao ver uma mulher exatamente no lugar onde as gravações estavam supostamente escondidas. Ela pegou uma pequena caixa e a colocou na bolsa.

**Não! Eu não vou deixar isso acontecer! ELE NÃO PODE SAIR IMPUNE!**

## Capítulo 7

Cada dia que passava, Rebecca temia mais, não apenas pela própria vida, mas pela vida de seu amado filho. Ela sempre foi a mais esperta, ela era quem manipulava os outros, nunca havia estado tão à mercê de alguém em toda a sua vida. Aquilo a assustava, mas ela nunca foi uma pessoa fraca. Mesmo que o temesse, mesmo que soubesse que as suas chances de vencer fossem poucas, ela ainda iria lutar. Não vai ser apenas mais um peão para aquele homem, ela se recusava. Ela precisava de uma garantia. Um jeito de se proteger. Ela precisava de algo contra ele. Foi nesse momento que algo lhe veio à mente. Se conseguisse pôr as mãos naquelas gravações, poderia as usar como chantagem. Mas como poderia consegui-las? Por sorte, Rebecca possuía uma memória espetacular, lembrando-se de sua primeira conversa com aquele homem, no primeiro dia em que o conheceu, ela se lembrou de um nome. Kevin. Esse era o nome do capanga de Mason que trabalhava na segurança da escola onde a quadrilha funcionava. Era ele que cuidava de cobrir os rastros dos outros membros do grupo.

Ela tinha um nome, mas ainda não sabia por onde começar. Depois de analisar a situação, decidiu ir até a escola em questão. Talvez pudesse encontrar o tal Kevin. Mesmo que encontrasse, ainda havia uma alta possibilidade de não conseguir nada, ela tinha um plano, mas mesmo que não conseguisse, ainda valia a pena tentar.

Naquela mesma noite, ela se dirigiu à escola. Era tarde, mas por mais que a escola estivesse “fechada”, ainda havia muitas pessoas trabalhando ali naquele horário. Ela cuidadosamente se aproximou de alguém e perguntou:

- Com licença, será que poderia me ajudar?

A senhora, que estava varrendo o chão, acenou vagarosamente com a cabeça em concordância:

- O que deseja?

- Será que a senhora conhece alguém chamado Kevin? Ele trabalha na segurança...

- Sim, o conheço. Se o está procurando, sugiro que vá a sala dele. É a segunda sala à direita.

- Obrigada! – Ela agradeceu e foi procurar a tal sala.

A sala foi bem fácil de encontrar. Alguns minutos e a mulher estava parada em frente a porta. A porta estava trancada por dentro, ela se aproximou e bateu.

Um homem alto e particularmente bonito abriu a porta. Ao vê-lo, a advogada imediatamente o reconheceu como um dos capangas presentes no vídeo. O que esfaqueou a criança. Apenas lembrar dessa cena fez seu estômago revirar, mas ela se conteve e perguntou: - Você é o Kevin? O homem acenou com a cabeça em afirmação.

- Ótimo. Meu nome é Rebecca Thompson, sou a advogada do Mason.

Ao ouvir esse nome, os olhos do homem se arregalaram levemente, ele sabia que era realmente ela, mas não esperava que ela viesse lhe encontrar.

- Algo errado? – ele perguntou, confuso.

- Na verdade, sim. Temo que precise de sua ajuda. Mason me enviou. A situação está piorando, nossa única chance são as fitas que estão em sua posse. Preciso que as entregue pra mim.

- Por que eu deveria? Mason não me avisou de nada disso.

- É uma emergência, não houve tempo de avisar.

- Por que eu deveria acreditar em você? – Perguntou Kevin com desconfiança.

- Você não precisa se não quiser, - Ela se aproximou do outro e encarou o fundo de seus olhos – Mas se eu fosse você, eu não deixaria Mason irritado. Acha mesmo que ele vai gostar de que eu volte de mãos vazias?

Aquilo fazia muito sentido. Não havia razão para cutucar aquele dragão adormecido. Era melhor deixá-lo quieto e só fazer o que lhe fora mandado. Aquele homem era assustador.

- Ok. Mas ligarei para ele primeiro.

- Oh! Você vai se atrever a ligar para ele? Eu não teria tanta coragem. Vá em frente – falou ela, demonstrando genuína surpresa.

Rebecca falou isso de propósito, obviamente. Se ele falasse com Mason, descobriria que ela estava mentindo. Ela apenas fez um comentário lembrando que ninguém tinha permissão de ligar para Mason fora de um horário fixo diário, em que todos o atualizavam sobre as vendas do dia. Ele dizia que não gostava de ser incomodado. Apenas ele poderia ligar para outras pessoas.

Usando novamente Mason para intimidá-lo, Rebecca finalmente o convenceu de contar-lhe onde estavam as fitas. Ele pegou um pedaço de papel e rabiscou um endereço e lhe deu junto com uma chave. Ficava aos arredores da cidade. Era provavelmente algum galpão abandonado que eles utilizavam como base ou depósito.

Rebecca agradeceu a ajuda e saiu o mais rápido que pôde. Não queria ter que responder mais perguntas.

Ela pegou o próximo ônibus para aquela área e caminhou por cerca de 35 minutos antes de finalmente encontrar o galpão.

Com dificuldade, abriu o portão e se deparou com uma cena um tanto quanto intrigante. Já era tarde da noite, estava escuro e as luzes daquele galpão eram fracas, não proviam muita claridade, o que dificultava a visibilidade. O galpão estava quase completamente vazio. Aquele espaço imenso guardava um único cofre em uma das laterais enquanto o outro lado tinha uma mesa e algumas cadeiras de plástico, um sofá e muitas, muitas garrafas de cerveja espalhadas pelo chão.

Eles deviam realmente usar este lugar como um esconderijo ou algo assim. Ela se aproximou do cofre, mas logo notou um problema. Ela não tinha a senha. Ela já começava a entrar em pânico, quando ela percebeu que aquele grande cofre estava em cima de algo. Ela colocou a bolsa em cima do cofre e usou as duas mãos para empurrá-lo dali. Havia uma espécie de armário acoplado ao chão, uma porta da cor do piso e algum espaço de armazenamento dentro.

Para a sua surpresa, a chave do portão era a mesma utilizada para abrir este armário. Dentro, havia apenas pequenas caixinhas pretas com uma data escrita em cima de cada uma delas. Cada uma das caixas continha duas fitas da gravação, a mulher encontrou o que procurava. Ela suspirou, aliviada, não querendo saber o que havia nas outras fitas. Mas ainda não era hora de relaxar. Em algumas horas, Kevin iria reportar os acontecimentos para Mason, se isso acontecesse antes que ela terminasse de organizar tudo que precisava, ele simplesmente a mataria.

A mulher pegou a caixinha com a data do crime e a guardou dentro da bolsa, levando-a de baixo do braço.

Era uma noite fria, o inverno já havia chegado. O céu estava nublado e quase não havia luz. A baixa visibilidade dava uma sensação de insegurança. Ela caminhava apressadamente na direção da cidade, ainda tinham muitas coisas a fazer naquela noite. Ela andava por aquelas escuras e silenciosas ruas, uma inquietude lhe atingia cada vez mais. Seus instintos lhe diziam que havia algo errado. Ela apressou o passo enquanto descia a rua. Um barulho estranho veio de trás de si e logo ela percebeu o que estava errado. Alguém a seguia. Um calafrio percorreu seu corpo e o medo lhe preencheu, “e se for alguém enviado por Mason?” esse pensamento lhe apavorava. Os sons dos passos de ambos os indivíduos pareciam especialmente altos naquela silenciosa noite.

Quando Rebecca virou uma esquina, o cheiro de cigarro impregnou seus pulmões, ela agarrou a bolsa mais fortemente, aquilo era a garantia da segurança de seu filho, as luzes dos postes piscavam quando o homem que a seguia também virou a esquina, seguindo-a.

Ela apressou o passo, mas podia ouvir o homem chegando cada vez mais perto. No desespero, ela olhou para trás pelo canto do olho. Ele estava muito perto. As luzes piscavam descontroladamente e em apenas um instante, tudo se tornou um completo breu.